



ESCOLA NORMAL DE PARÍS.

No intuito de diffundir a instrucção de um modo uniforme em toda a França e preparar professores para todos os ramos do ensino, a convenção fundou a escola normal por decreto de 30 d'outubro de 1794. Os regulamentos relativos á organização d'este novo instituto foram promulgados em 13 de janeiro de 1795 e a 19 do mesmo mez teve lugar a solenne abertura dos cursos: 1:500 alumnos enviados de toda a parte da França deviam frequentar as aulas como discipulos externos, para depois estabelecerem escolas normaes secundarias nas principaes cidades. O ensino, sujeito á superior direcção de dous membros do poder legislativo, era confiado a illustres professores, entre os quaes se distinguiam Lagrange, Monge e Laplace nas cadeiras de mathematicas, Haüy na de physica, Berthollet na de chymica, Daubenton nas sciencias naturaes, Volney na historia, La Harpe na litteratura, Bernardin de Saint Pierre na moral. Sob a influencia d'estes homens insignes começou a escola sua existencia. Nem o talento, nem o zelo dos professores faltaram aos discipulos; porém, mancebos que pela maior parte não possuíam os elementos de tão superiores estudos não podiam seguir com aproveitamento as lições de tão abalisados mestres. Por um lado, estas dadas perante um numerozissimo auditorio, e

publicadas semanalmente n'uma folha periodica, degeneraram muitas vezes em discursos brilhantes, mais proprios para fazer sobressair o talentô dos professores do que para amestrar os alumnos nos graves e severos habitos do ensino, por consequencia o resultado não correspondeu as esperanças que se conceberam; desanimaram talvez muito depressa, e o certo é que a escola foi fechada em 29 d'abril de 1795, apenas tres mezes e alguns dias depois de abertos os cursos.

Contudo, a idéa que presidira a esta tentativa não podia perecer; todo o seu valor foi comprehendido pelo vigoroso engenho de Napoleão. Logo depois da creação da universidade em 1808 estabeleceu por um decreto um ensaio de escola normal para trezentos mancebos destinados ao magisterio; não se chegou a preencher aquelle numero; porém, a escola desde o começo deu provas da sua utilidade. A maioria dos homens notaveis da França em nossos dias pertence aquella primeira promoção. Seguiram-se os melhoramentos que seria longo enumerar, e no tempo da restauração fizeram-se mudanças na organização interna da escola, submettida a uma disciplina cada vez mais rigorosa. Licenciada em 1822 por motivo de certa manifestação politica, foi de novo aberta em 1826; porém, só verdadeiramente

restabelecida em 6 d'agosto de 1830 por Luiz Philippe.

A escola divide-se em duas secções, litteraria e scientifica, em cada uma das quaes o curso dos estudos é de tres annos. A primeira comprehende os alumnos que se destinam ao ensino da philosophia, litteratura, historia e grammatica. Sendo bachareis em bellas letras ao entrar na escola devem obter o gráu de licenciados nas mesmas disciplinas no fim do primeiro anno, que é dedicado exclusivamente a preparar este exame. Os estudos do segundo anno abrangem a historia das litteraturas grega, latina e franceza, a historia da philosophia antiga e moderna, e um curso de historia geral; estes dous primeiros annos são communs a todos os alumnos, qualquer que seja o ramo especial que pretendam adoptar; mas o objecto do terceiro é completar os conhecimentos de cada um nos estudos ou philosophicos, ou historicos, ou litterarios conforme o ensino a que se destinam.

A secção das sciencias comprehende os alumnos que se preparam para o ensino das mathematicas, da physica, da chymica e da historia natural. Os diversos cursos scientificos não pôdem ser distribuidos de um modo tão favoravel como os da secção litteraria. Os alumnos devem ter o gráu de bacharel em sciencias mathematicas ao entrar na escola, e são obrigados sob pena de exclusão a obterem no decurso dos dous primeiros annos os dous gráus de licenciados em sciencias physicas e sciencias mathematicas. Não obstante o que acima ponderamos, o ensino scientifico é tão solido e fructifero como o litterario.

A escola normal superior, annexa a principio ao lyceu imperial, transportada depois para uma casa da rua dos Correios, mudada novamente para uns edificios velhos, dependencias do collegio de Luiz XIV e local acanhado e insalubre, acha-se ha annos n'um sitio espaçoso e bello na rua de Ulm por detras da Val-de-Grace.

A SEMANA SANTA EM ROMA.

«Un volume ne suffirait pas pour peindre en detail les seules ceremonies de la Semaine Sainte; on sait de quelle magnificence elles etaient dans la capitale du monde chretien.»

CHATEAUBRIAND. Genie du Christ.

DOMINGO DE PASCOA.

Ao assomar a aurora, quando as aves com os seus gorgeios dão no ar aromatisado das flores de primavera graças ao Creator, os sinos de todas as cento e trinta igrejas de Roma christã, e repetidas salvas do castello de Sant'Angelo, que na Roma pagã tinha o nome de *Mole Adriana*, aonde em diversos tempos estiveram fortificados, além dos romanos já em decadencia, os gregos, os godos, os alemães e os francezes, annunciam a grande solemnidade da resurreição do Homem Deus. Desde as oito horas da manhã os dragões, e os carabineiros pontificaes postados para manter a ordem nas ruas, que desembocam n'aquelle forte e na praça de S. Pedro, despertam como me notava a imaginação viva, poetica e romantica de Chateaubriand) pelos ramos de buxo e de oliveira, que trazem nos capacetes em memoria do immortal Triunphador da morte, os antigos soldados legionarios romanos, que da outra banda do Tybre faziam praça no *intermontium*, ou via entre

o monte *Palatino* e o *Capitolino*, aos triumphadores do mundo, corôados de louros e de victorias. Pelas nove horas a guarda urbana e os guardas do capitolio guarnecem, pondo-se em alas, o vestibulo da basilica de S. Pedro, na qual se faz a funcção, e o espaço, que entre a arcada de Constantino e a estatua collossal do Principe dos Apostolos, ha na bella e grandiosa nave principal d'este vasto e misterioso edificio, onde a architectura, a esculptura, a pintura, as artes de fabricar o mosaico e de fundir o bronze, a composição do estuque, o officio de dourador, em fim todas as artes inspiradas pelo christianismo contribuíram para esta obra de mão mestra, como o sensível Ariosto lhe chamou nos seguintes versos:

«Siede un tempio, il piu bello e meglio adorno
Che vegga il sol, fra quanto gira intorno.»

Pouco depois começam a chegar áquelle templo e ao palacio contiguo os cardeaes, a prelatura, o corpo diplomatico, e uma inumeravel multidão de pessoas de todas as classes, tanto nacionaes como estrangeiras, se é que, como com alto pensamento disse o já por mim tão citado Chateaubriand, alguém deve ser tido por estrangeiro em Athenas, Jerusalem, e Roma. Os cardeaes e prelatura, dirigindo-se á *sala ducal*, tomam ali os ornamentos correspondentes á festividade, e, as differentes ordens, em que estão divididos, seguindo depois os membros do sacro collegio até á camara dita *letto de paramenti*, onde juntos com outras dignidades ecclesiasticas e seculares esperam o santo padre, a quem dous cardeaes diacunos assistentes, depois de servida a lavanda pelo condestavel *Colonna*, que n'esse dia é o principe do solio, revestem de amito, alva, cingulo, estola, pluviál branco e *formalio precioso*, especie de brocha de ouro cravejada de brilhantes, que encaxa no alamar que aperta as duas bandas do pluviál. Posta depois a tiara, ou triregno, deita sua santidade por tres vezes incenso no thuribulo, que de joelhos lhe apresenta o decano da assignatura, e pegando-lhe na cauda o principe do solio, dirige-se precedido dos circumstantes á *sala ducal*, onde toma assento na *sede gestatoria* ou andor, de que já fallei, em que vae levado por doze *sedarii* debaixo do pallio, nas varas do qual pegam oito referendarios da assignatura, indo de cada lado um capellão secreto com um *flabello*, ou grande leque aberto, de plumas de pavão, sobre uma haste forrada de veludo carmezim, e d'esta sala se põem em marcha o pomposo acompanhamento pela seguinte ordem. Vão diante de tudo os officiaes menores da casa pontificia seguidos dos procuradores geraes de todas as ordens religiosas, dos camareiros *extra muros*, dos capellães ordinarios, seis dos quaes levam quatro tiaras e duas mitras. Vêem depois os capellães secretos, os advogados consistoriaes, e os camareiros secretos. Seguem os cantores pontificios, os abreviadores *del Parco Maggiore*, os votantes da assignatura, os clerigos da camera apostolica, os auditores da rota, e o mestre do sacro palacio, que é sempre um religioso dominico. Atraz d'estes vem dous capellães secretos trazendo as mitras usuacs, o clerigo da camara, que leva o estoque, o votante da assignatura com o thuribulo e a naveta, e immediato a este entre sete acolitos ceroferarios o auditor da rota mais moderno, com vestes de subdiacono, levando alçada, e com o crucifixo virado para o pontifice, a cruz processional de tres braços, indo dos dous lados dous mestres ostiarios, denominados de *virga rubea*, ou custodios da cruz. Seguem depois em dalmatica o auditor da rota, que ha de

fazer o ministerio de subdiacono latino entre o diacono e o subdiacono gregos (que sempre são d'esta nação); e apoz elles os penitenciaros ou confessores da basilica de S. Pedro vestidos de planetas; os abbades mitrados, os bispos, arcebispos e patriarchas, todos de mitra, á excepção dos prelados do Oriente, que segundo o rito privativo das suas igrejas, usam de um como diadema. Logo em seguida d'estes prelados, pela maior parte decorados com o titulo de assistentes ao solio pontificio, vão dous a dous os cardeaes diaconos de dalmaticas, os presbyteros de planetas, e os bispos, que são os prelados das seis igrejas suburbicarias, de pluvial, levando todos mitra. Seguem immediatamente os conservadores e o governador de Roma, o principe assistente ao solio pontificio, o vedor e o estribeiro mór de sua santidade, o primeiro e segundo mestre de ceremonias; o cardeal que ha de cantar o Evangelho entre os dous cardeaes diaconos assistentes, e o santo padre sentado na *sede gestatoria*, e debaixo do pallio, entre os flabellos, como fica dito: indo dos dous lados d'aquella especie de andor os cadetes e communs da guarda nobre entre alas de archeiros trajando os uniformes feitos pelos desenhos de Buonarroti. Vão atraz do papa o decano do tribunal da rota entre dous camareiros secretos e o archiatro pontificio, que servem os ministerios mais conjunctos com a pessoa do pontifice, fechando o prestito o auditor da camara, o thesoureiro mór, o mordomo mór, os protonotarios apostolicos participantes e honorarios, o ajudante da chancellaria e o auditor *delle contradette*. Entre os muitos prelados que no anno a que me reporto acompanhavam Gregorio XVI n'esta augusta cerimonia, iam o cardeaes Macchi e Franzoni mui conhecidos e estimados em Portugal, o cardeal Mezzofanti, polyglota prodigioso tão admirado de todos, o cardeal Monico tão interessante pelo seu longo cativo em Africa, e no qual a graça homérica estava unida ás graças do céu, e o cardeal Mai, a quem devemos além de outras muitas e mui importantes descobertas de manuscriptos antigos algumas obras de Cicero. Vinham ali tambem dous prelados, um portuguez, que apesar de pertencer a um partido contrario ao meu sempre respeitei pela sua profunda sciencia, e outro que só menciono por ter seis annos depois accitado das mãos sujas dos carcereiros de Pio IX, e dos assassinos de Rossi um cargo na regencia da ephemera republica romana, desservindo a tiara que o elevára, para servir o deslustroso diadema da tyrannia de muitos. Quadram bem a este pouco idoneo, e muito idoso ex-decano da Rota, a quem os *barretes vermelhos* fizeram perder o rumo, e o capello, dous textos frisantes, um de Vieira, que achou que haviam elevações, que não eram *crescimentos*, mas *exceções*: e outro de Rivarol, que dizia *que na vida ha duas infancias, e uma primeira*.

Pedindo perdão aos meus leitores d'esta e de outras digressões, e tornando ao meu assumpto, direi que o melhor ponto para contemplar o apparatuso cortejo, que acabo de descrever, é o patamar da *escada de Constantino*, pela qual se vê descer pela *escada regia* o soberano pontifice sobresaído n'uma espessura de mitras, que tornam aquelle acompanhamento o mais magestoso, que pôde pintar-se na imaginação: e com que o papa entra pela porta principal da basilica, onde é recebido pelo cabido, ouvindo-se ao mesmo tempo os sons dos instrumentos das musicas militares, collocadas na parte inferior do portico, e das vozes dos musicos da capella, que cantam o verseto *Tu es Petrus*.

Chegando sua santidade pelo cruzeiro a capella

do Sacramento exposto, deixa a *sede gestatoria*, e ora ali algum tempo, passando depois ao altar da *confissão de S. Pedro* (cuja primorosa banquetta e imagens dos dous primeiros apóstolos, foram feitas por Benvenuto Cellini) torna a fazer oração, e levantando-se, ao passo que as pessoas que o acompanharam tomam os seus respectivos logares, vae sentar-se no throno de *Tertia*, onde depois de receber a obediencia do estylo, dá principio áquella hora canonica; e em quanto ella é cantada de canto chão sem acompanhamento d'orgão pelos cantores da capella, diz o papa as orações preparatorias para a missa, e reveste-se para ella da maneira seguinte:

Depois da lavanda ministrada pelo ultimo nobre do solio, que no anno de que fallo, era o principe Ruspoli, acompanhado d'um auditor da rota, de dous masseiros, chamados d'antes *servientes armorum*, o cardeal diacono do evangelho despe o santo padre das vestes sagradas, de que até ali estava paramentado, e o reveste do sobrecinto, de que pende um como manipulo, da cruz peitoral, do fanone, ou murça de tecido de ouro, que vae passando sobre todos os ornamentos, da estola, da tunicella, da dalmatica, das chirotecas, ou luvas, da planeta, do *pallium*, e finalmente da mitra; pondo-lhe o cardeal decano o anel pontificio. Depois de deitar incenso no thuribulo, baixa o summo pontifice do throno, em que estava, e precedido dos thuriferarios, dos sete ceroferrarios, da cruz, do subdiacono latino, que leva o Evangelho, do diacono e subdiacono gregos, do cardeal diacono do evangelho, do cardeal decano, dos dous cardeaes diaconos assistentes, dos dous auditores da rota, que pegam nas limbrias da loba de sua santidade, e do primeiro mestre de ceremonias, encaminha-se o papa seguido dos patriarchas, arcebispos, bispos, e mais prelados assistentes, ao throno maior, e voltando á mão direita, avança até á extremidade da quadratura cardinalicia, onde o esperam tres cardeaes presbyteros mais modernos, a cada um dos quaes abraça por duas vezes; e depois d'este rito antiquissimo (a que os liturgistas dão varias interpretações mysticas, que ommito por não estender mais este já assas longo artigo) voltam os tres purpurados aos seus logares, dirigindo-se o summo pontifice ao supedaneo do altar, onde tem de celebrar. Chegando ali, e tendo deposto a mitra, começa fazendo o signal da cruz o Introito e mais preces preparatorias, que nos primeiros seculos se faziam na sacristia, e que todo o clero presente ao mesmo tempo recita, dando o subdiacono grego o manipulo a sua santidade logo depois das palavras *Indulgentiam et absolutionem*, em quanto o côro canta o bello Introito *Resurrexit* e o versiculo *Domine*, dizendo o *Gloria Patri* quando o papa tem subido ao altar, que elle beija, assim como o livro, que o subdiacono latino lhe apresenta, passando depois a incensar o mesmo altar, e recebendo em seguida a thurificação do cardeal diacono do Evangelho beija este, assim como aos dous assistentes, na face esquerda e no peito. Finda esta cerimonia, sae elle do altar para o throno fronteiro, e tirada a mitra lê o Introito, e diz com os assistentes os *kyries*, que no côro se cantam ao mesmo tempo, e apoz os quaes entoa o *Gloria in excelsis*, que os musicos seguem, e sua santidade recita de pé, sentando-se logo depois, bem como todos os que tomam assento na sua presença.

Tanto que os musicos acabam de cantar o hymno angelico, levantam-se todos, e o santo padre tambem erguido e sem mitra diz: *Par vobis*, a que o côro responde: *Et cum spiritu tuo*, canta a oração rica de eloquencia: *Deus, qui hodierna die, per Unigenitum tuum, aternitatis nobis aditum devicta morte*

rescrasti etc. no fim da qual se senta, e torna a tomar a mitra e o gremial, ou panno que lhe cobre os joelhos. Sobe então o subdiacono latino, e junto ao throno, em que o papa se revestiu, canta em latim a epistola: *Fratres, expurgate vetus fermentum*, que o subdiacono grego canta em seguimento no seu idioma, e que o pontifice lê em voz baixa, depois do que vão os dous ministros beijar os pés a sua santidade. Então immediatamente os musicos o gradual *Hæc dies* e a sequencia *Victimæ Paschali*, que o santo padre igualmente lê de vagar, sendo aquella sequencia cantada por musica de Matheus Simonelli. Tomando então o cardeal diacono o livro do Evangelho que pouco antes collocára sobre o altar, vae beijar a mão direita do papa, que finda esta acção, deita incenso no thuribulo, e voltando depois d'isto o mesmo cardeal ao altar, ante o qual diz de joelhos: *Munda cor meum*, levanta-se ditas estas palavras, e tomando o livro que ali pozera, levando á sua esquerda o subdiacono latino acompanhado dos sete ceroferarios, e precedido do thuriferario diz: *Jube, Domine, benedicere*, a que sua santidade respondendo, *Dominus sit in corde tuo*, lança-lhe a benção. Levantando-se todos os ministros, e dirigindo-se ao lugar competente, canta ali o cardeal diacono em latim o Evangelho do dia, que o diacono grego sómente assistido de cinco ceroferarios canta immediatamente depois na sua lingua, tendo antes pedido a benção ao pontifice. Este canto da epistola, e do Evangelho nas duas linguas, para mostrar a unidade das igrejas Latina e oriental, e a supremacia da primeira, sendo um uso antiquissimo e praticado d'antes, como refere Mabillon em todos os conventos benedictinos, marca tambem debaixo do ponto de vista litterario, a confraternidade d'aquelles dous idiomas, e quanto na antiga Roma e na parte da Italia meridional, que tinha o nome de *Grande Grecia*, era comum e bem aceita a linguagem da Grecia propriamente dita; pedindo eu licença ao falso ou enganado zelo de alguns catholicos que hoje, sem pedir venia ao papa se têm declarado tão cruamente contra os classicos d'aquellas linguas, para achar e dizer aqui que S. João Chrysostomo, S. Gregorio Magno, S. Ambrosio, S. Thomaz d'Aquino, Prudencio, Santeuil e Coffino, despertaram a lyra grega e a latina nas producções que nos deram nas linguas de Homero e de Virgilio.

Não costumando haver sermão nas funcções em que o papa officia, então elle logo depois de cantado o Evangelho o *credo*, e acabado elle diz sua santidade: *Dominus vobiscum*, e lê em voz baixa o offertorio: *terra tremuit*, que os musicos da capella ao mesmo tempo cantam n'uma admiravel musica de Felix Anerio, e o moteto de Victoria, que começa: *Quem vidistis*. Na capella real dos reis de Baviera, canta-se em vez d'este moteto o setimo ramo do Salmo 23: *Attollite portas, principes, vestras, et elevamini portæ æternales: et introibit Rex gloria*, poesia onde as idéas vão mais longe que as expressões, e que a musa de Milton (que foi melhor poeta, que politico) imitou quanto lhe foi possível na sua deliciosa composição: *Open ye everlasting doors!* sendo aquellas palavras do profeta rei tão appropriadas a circumstancia, como o é a letra a composição da musica a vozes feita por Orlando Lasso.

Em quanto se canta o *offertorium* e o moteto, faz-se o que chamam a *prova das especies*, tomando o cardeal diacono duas das tres hostias, que lhe são apresentadas, e dando-as a engolir ao mosenhor sacrista, põem a terceira na patena, assim como pratica com o vinho e a agua de que o mesmo prelado toma uma porção antes de preparar com estes dous liquidos o

calix. Foi esta precaução tomada quando os envenenamentos eram mui frequentes em Italia, e em outras partes da Europa.

Feita esta prova, o pontifice, tirando o anel que tomara estando no throno de *Tertia*, e recebendo outro mais pequeno, desce do solio, e subindo ao altar, o beija no meio, e recebe do cardeal diacono a patena com a hostia e o calix, que offerece do modo ordinario, seguindo-se em tudo o mais até á elevação o que prescreve o ceremonial romano.

Depois da consagração e adoração da sagrada hostia, faz a elevação em fórma de cruz, no meio, á direita e á esquerda, e o mesmo faz com o calix; continuando a missa pontifical do modo ordinario até ao *Agnus Dei*. Dito este e dado o osculo da paz, ajoelha reverentemente, e volta ao throno de mãos postas e sem mitra. Então o diacono do Evangelho, que ficou junto do altar do lado da epistola, com os olhos postos de modo a vêr o Sacramento e o pontifice, assim que este tem chegado ao solio, faz genuflexão, e pondo sobre a patena, que contém a hostia consagrada uma estrella de ouro, a que em grego se chama *asteriscos*, com doze raios, em cada um dos quaes está gravado em caracteres semi-gothicos o nome de um Apostolo, e elevando a patena de fórma a ser vista pelo povo, a entrega ao subdiacono que está de joelhos do lado do Evangelho, que a leva ao papa, o qual ajoelhando adora o Sacramento e se levanta; logo o diacono pegando no calix, e elevando-o, o conduz ao pontifice, que o adora, como fez á hostia, e tornando a por-se de pé fica collocado entre aquelles dous ministros. Feito isto os dous bispos assistentes levam á candela e o missal a sua santidade, que n'elle lê as duas orações antes da communhão; e tirando o primeiro mestre de ceremonias o asterisco de sobre a hostia, o papa tomando-o com a mão esquerda, a divide em duas partes, e quando tem dito por tres vezes, *Domine, non sum dignus* recebe uma d'ellas, dividindo a outra em duas para dar a communhão ao diacono e ao subdiacono latino. Logo depois o diacono chega com o calix, e o cardeal decano beijando a mão do santo padre lhe entrega a *fistula aurea*, com a qual elle absorve uma parte do sangue. Quando o côro acaba de cantar o *Agnus Dei*, dá o papa a communhão ao diacono com uma parte da hostia, e com a outra ao subdiacono, os quaes voltam ao altar, trazendo o primeiro o calix com a *fistula aurea*, e o segundo a patena, e ali consomem o resto do sangue. O pontifice e todos os assistentes dobram os joelhos quando o ministro leva o calix para o altar, e o diacono voltando ao solio canta o *Confiteor*, e torna ao altar, onde toma a pyxide, que mostra ao povo, e depois entrega ao subdiacono, o qual a conduz ao pontifice, que dito o *Misereatur* e *Indulgentiam*, dá, como sempre que celebra, a sagrada Eucharistia a todos os cardeaes diaconos, admittindo tambem n'este dia a communhão o principe assistente ao solio, e outras pessoas seculares, que têm logar na capella pontificia. Feitas as purificações, vae o principe condestavel ao solio dar a lavanda a sua santidade, que, ao entãrem os cantores o *Communio* torna ao altar, onde na fórma prescripta pelo ceremonial acaba a missa.

Concluida esta, o pontifice despe os ornamentos com que se preparou para celebral-a; e, tomando o pluvial e a tiára, vae, apoz uma breve oração, sentar-se na *sede gestatoria*, onde recebe os trinta Julios de ouro, que entrega ao cardeal diacono, que logo os dá ao caudatario pontificio, offerecidos pelo cardeal arcepreste da basilica de S. Pedro, em nome do cabido, *pro Missa bene cantata*, como aquelle pre-

lado, conforme um antigo formulario, costuma dizer ao santo padre.

Segue depois d'isso o papa com o mesmo cortejo até ao meio da basilica, onde prostrado no genuflexorio venera as reliquias da paixão, que um conego expõem na tribuna chamada da Veronica, e logo depois d'esta devoção vae sua santidade á *Loggia* ou grande varanda sobre o portico da basilica de S. Pedro, onde dá a benção papal, que por delegação sua costumam tambem, os bispos dar, n'este mesmo dia, em todas as cathedraes do Orbe catholico.

Achando-se os principes de sangue real e os membros do corpo diplomatico nas tribunas para elles preparadas sobre o terrado da columnata do lado do palacio do Vaticano, onde Carlos V, Francisco I, Gustavo III, José II, Paulo I, Alexandre I, Napoleão, Christina, e tantas outras corôas, e sceptros levantados ou caídos, onde o Ariosto, o Tasso, Montaigne, Mabillon, Montesquieu, Barthelemy, Lalande, Chateaubriand, Milton, Nelson, Byron, Tristão da Cunha, Macedo, Vieira, Alexandre de Gusmão, e tantas outras pessoas eminentes em dignidade, saber, valor, e virtude, presenciaram e admiraram em diversos seculos esta devota e magestosa função, a que assistem muitos milhares de pessoas postas ao longo dos muros lateraes do portico, ou junto ao obelisco de Sesostris, nos entrecolumnios do peristyllo, e em todas as partes onde se póde avistar o papa; eis-aqui o aspecto geral que presenta a praça de S. Pedro n'este alegre dia: Os camponeses dos montes de Sabina, e dos campos circumvisinhos de Roma, estão empilhados no terrapleno da fachada e da escadaria que conduzem áquelle logar. A tropa, tendo as musicas militares no centro, está formada no grande espaço que ha entre aquelle terrapleno e o obelisco, junto ao qual estão apinhados os transtiberinos, cujas feições e proporções são vislumbres dos antigos romanos, além dos habitantes de outros bairros pobres, como Borgo, e Monti. Os accessos para a columnata estão occupados pelos fieis de todas as classes; o resto da praça e as ruas adjacentes por quinhentas ou seiscentas carroagens. Quando ao soar meio dia se presume que vae dar-se a benção, para logo todos os olhos se fixam na *Loggia* ainda vazia, mas onde dentro em pouco tempo se vêem successivamente chegar a cruz processional, as tiaras e mitras que se collocam na balaustrada, e os cardeaes, dous a dous, que apparecem e se retiram, ficando a tribuna novamente desoccupada. Mas eis-que no fundo da *Loggia* se avista e se vê chegar á balaustrada, sobre um andor, um venerando ancião de vestes sagradas e corôado. Bem depressa os carrilhões e sinos que até ali repicavam, cessam de tocar; e a artilheria que trovejava emmudece. Dobra então aquella immensidade de gente reverentemente os joelhos, e o vigario de Christo na terra, elevando as mãos, como para attrahir sobre ellas as graças do céu, abençoá por tres vezes, em nome do Todo Poderoso, aquella piedosa multidão. Immediatamente o castello de Sant'Angelo salva com vinte e um tiros, e os sinos da Cidade Eterna tornam a dar signaes de alegria.

Logo depois da Benção papal um cardeal diacono publica em latim, e outro em italiano, a indulgencia plenaria concedida n'esta occasião pelo pontifice, que descançando um pouco na ponderação ou na vista d'este grande espectáculo, se conserva ainda por algum tempo aos olhos do povo. Levantando-se elle depois, e dando-lhes de novo a benção, sem a acompanhar de palavras, sae da *Loggia*, e volve ao *Letto de Paramenti* com o mesmo numeroso e vistoso cortejo com que d'aquella camara saíu.

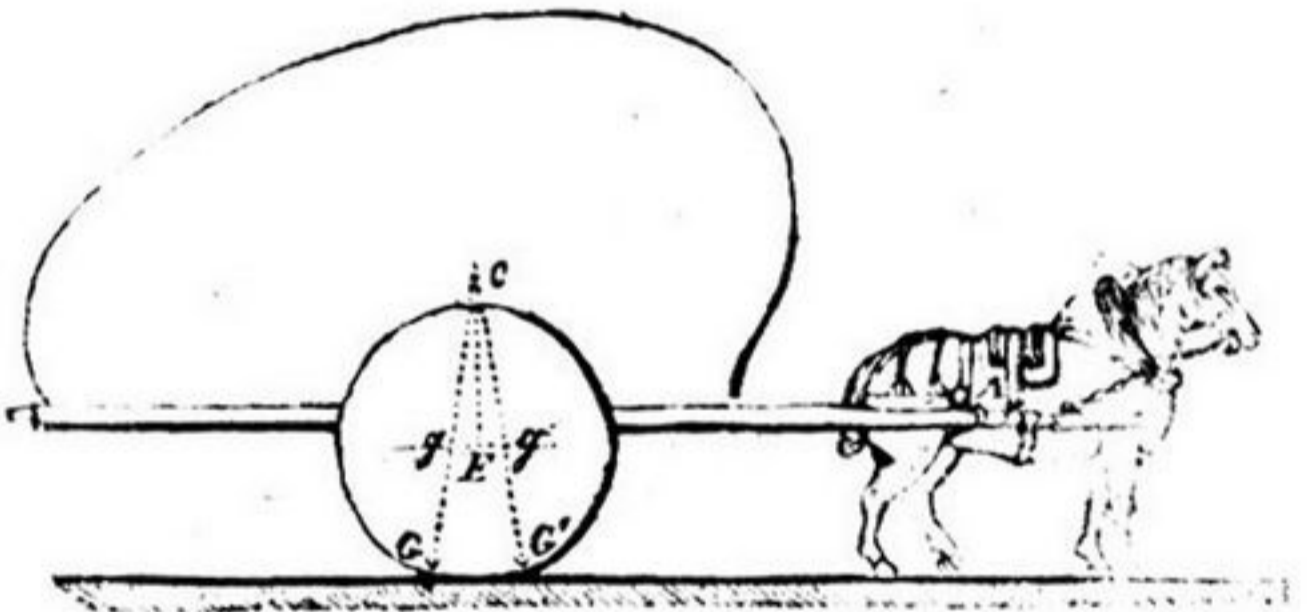
A fidelidade com que fiz esta narração pede que

eu observe n'este logar, que o nome tão pio e tão poetico de *Benção Solemne urbi et orbi*, que geralmente se dá em Portugal, em França, na Italia, e até mesmo em Roma, a esta acção religiosa, é, como outros muitos ditos vulgares, inteiramente destituido de fundamento, pois que nenhuma tradição authentica o justifica, nenhum liturgista de auctoridade o abona, e, finalmente, nem a formula da benção e da indulgencia o autorisa, nem (o que decide completamente a questão) o ceremonial romano o indica.

Em todo o caso, a impropriedade d'aquella expressão não faz que o papa não seja considerado, entre os catholicos, como o primeiro dos reis, e, o primeiro dos sacerdotes, como no seu Dictionario Philosophico diz Voltaire, que certamente não póde ser suspeito d'ultramontanismo; provando elle assim que a raça charlatã do philosophismo usa da sua consciencia, como os que usam de luneta se servem do vidro, de quando em quando, e que nem sempre está de humor de dizer heresias.

Terminando este artigo, peço perdão aos leitores a quem elle desagradar por carecer da tinta ou sombra de romance que hoje é moda dar a todos os escriptos descriptivos ou historicos: mas eu penso, como muita gente, que os romances de hoje, terão pela maior parte, a sorte dos romanos antigos, que conquistaram o mundo, mas não o puderam guardar.

MARQUEZ DE REZENDE.



CARRO DE CARGA EQUILIBRADA.

NEM só em Portugal, mas em França os meios de transporte em carros são ainda os antigos, postoque entre nós muito mais grosseiros e pesados. O jornal d'onde tiramos a nossa estampa e que é datado de julho do anno passado, diz o seguinte:

«A carreta ou carro de duas rodas, em sua simplicidade inteiramente primitiva, é quasi o unico vehiculo empregado nos transportes em o nosso paiz; exceptuando alguns departamentos do norte e de leste não se conhece outro nos campos, e é restrictissimo o uso das carroças ou carros de quatro rodas.

«Não se ha de attribuir a usança velha esta preferencia; mas sim, á simplicidade de construcção da carreta antiga, seu peso relativo á facilidade de manobrar, e o exigir menos esforço de tracção que os vehiculos de quatro rodas. Comtudo, a par d'estas vantagens tem um grave inconveniente. O carro de quatro rodas não exige do tiro senão esforços de tracção propriamente ditos parallelamente á superficie do caminho. Não é assim no outro carro:

o cavallo mettido nos varaes, e que em grande numero de casos é o unico motor do vehiculo, fórma com as duas rodas o terceiro ponto de apoio necessario á estabilidade do carro, resultando que a deslocação do centro de gravidade da carga, quer para diante quer para traz do eixo transmite ao cavallo uma acção vertical, dirigida de cima para baixo ou ao inverso, a qual lhe carrega nos rins pela pressão ou tende a levantá-lo em virtude da silha mestra.

« A figura dá a explicação d'estes effeitos.

« Estando o centro da gravidade da carga em C acima do eixo E quando o caminho é horisontal, o carro está em equilibrio, e o cavallo dos varaes não soffre outras impressões verticaes que não sejam as procedentes das pequenas desigualdades do caminho. Mas se a estrada desce e o carro se inclina para diante, a vertical partindo do centro de gravidade vem passar adiante do eixo na posição figurada pela linha CC. Se ao contrario o caminho sobe e inclinando-se o carro no mesmo sentido, a vertical passa atraz do eixo na posição marcada pela linha GG'. D'ahi resultam sobre o cavallo os esforços successivos que marcamos. Suppondo a altura CE da carga acima do eixo igual a 1^m, 20, a distancia EA do eixo ao ponto do varal onde prendem as correias igual a 4 metros, e o peso da carga a 4:000 kilogrammas, as impressões verticaes transmittidas ao ponto A são, para um declive ou rampa de 3 centímetros de inclinação por metro, de 60 kilogrammas, e augmentam perto de 12 kilogrammas, tanto n'um sentido como no outro, por cada centimetro mais de inclinação.

« Portanto, quando o caminho é subida, quando o cavallo precisa de toda a sua força e todo o seu peso para vencer a fricção e a acção da gravidade, é por assim dizer levantado e perde a sua adherencia com o solo. Ao inverso, quando o carro desce, quando o peso d'este arrasta o cavallo para diante e o obriga a resistir, acha-se sobrecarregado pelo excesso do peso resultante da deslocação do centro de gravidade da carga, e ainda por outros movimentos.

« Todos têm visto este duplicado effeito que fatiga o animal que o soffre; o cavallo em parte suspenso faz esforços estereis para subir uma rampa, e depois tendo de descer é opprimido pelo sobrecarrego.

« Um habitante d'Argentan observou attentamente este mal e imaginou o seguinte remedio. Consiste o seu systema em fazer variar a posição do centro de gravidade da carga em relação ao eixo, segundo sobe ou desce o carro. Para o conseguir propoz dous meios. No primeiro, a distancia entre o cavallo e o centro de gravidade da carga fica a mesma e é o eixo que se faz avançar ou recuar, segundo os casos, para que venha tomar a posição dos pontos *g* ou *g'* da figura acima estampada. Pelo segundo meio a distancia entre o cavallo e o eixo é fixa, e é a carga que se faz avançar ou recuar de maneira que, segundo fôr necessario, seja o ponto *g* ou *g'*, marcado na figura, que venha coincidir com o eixo.

« N'estas duas disposições o mechanismo simples que produz o movimento do eixo ou da carga actúa ao mesmo tempo sobre todo o systema dos raios da roda de modo que faz applicar os freios contra as rodas, quando o carro desce, com uma energia que augmenta conforme a inclinação da rampa. »

SOBRE O DESCOBRIMENTO DA COMMUNICAÇÃO ENTRE DOUS MARES AO NORTE DO CONTINENTE AMERICANO.

POR se referir a dous portuguezes distinctos, posto que em diversas epochas e diversos ramos, transcrevemos a seguinte nota do sabio hespanhol D. Ramon de la Sagra, publicada em um jornal de Madrid, de 2 de março ultimo.

« Recentemente e por motivo das investigações praticadas em pesquisa do capitão Franklin perdido nos mares polares, os jornaes mencionaram a relação estampada em Londres da viagem do capitão Mac-Clure em que se apresenta como um descobrimento novo a existencia de uma passagem ou estreito, que une e communica o Oceano Atlantico com o Pacifico. A relação do maritimo britannico, a sua intrepidez no meio dos perigos que passou entalado nos gelos, e as noticias dos singulares habitantes que encontrou n'aquellas longinquas e desconhecidas regiões, deviam excitar e com effeito excitaram o mais vivo interesse na imprensa europea.

Este notavel assumpto o foi tambem de uma das conferencias que costume ter quasi semanalmente com o sabio e erudito visconde de Santarem, residente em Paris ha annos para gloria da sua patria e adiantamento da sciencia. Quando ao mui apreciavel visconde de Santarem se toca em qualquer ponto de investigação historica ou geographica, carece-se de tomar immediatamente a penna ou o lapis para não perder a preciosa multidão de noticias, de datas, de nomes, que saem da sua bôca com uma facilidade e facundia, como se lesse um livro especial sobre a materia. Recordo-me tristemente de que outro tanto me succedia em Madrid com o eruditissimo e profundo D. Martin Fernandes de Navarrete, que morreu com a magoa de não ter conhecido pessoalmente o seu digno amigo e justo apreciador, visconde de Santarem.

Voltando, pois, ao objecto d'este artigo vou transcrever o que me disse este sabio na conferencia a que me refiro, e o farei quasi litteralmente. « Parece-me (disse) que a exploração feita ultimamente pelo valente e intrepido capitão Mac-Clure para achar passagem entre o mar Atlantico e o mar Arctico, deve ser confrontada com as relações das expedições e tentativas feitas pelos antigos maritimos, de que nos ficaram documentos authenticos.

« Fôra preciso comparar primeiro a moderna relação com a do navegante portuguez Gaspar Côrte Real, que emprehendeu achar a mesma passagem ao norte para ir ás Indias. Dirigiu-se com effeito por aquelle lado em 1500 e examinou primeiro o rio S. Lourenço, costeando depois a terra que chamou de Labrador até o cabo de Chidley, que julgou que formava a entrada do estreito, por onde devia achar a passagem de um para outro mar, e é o estreito que recebeu depois o nome de Hudson.

« Côrte Real recolheu a Portugal a annunciar os seus descobrimentos, e prestes tornou a partir; porém n'esta grande viagem o baixel em que navegava pereceu ou desappareceu como o de Sir John Franklin; Côrte Real achou-se, pois, como este e como o proprio capitão Mac-Clure, encerrado entre os gelos d'aquellas altas latitudes. Um de seus irmãos partiu a prócurá-lo; mas desgraçadamente soffreu igual sorte.

« Cumpre advertir que os dous irmãos tinham sido precedidos n'aquelles mares por outros dous navegantes em 1464, Vasco Annes Côrte Real e Alvaro Martins Homem, que descobriram a terra do bacalhau (Terra Nova).

«Não tenho á mão agora o livro summamente raro, intitulado *Il Nuovo Mondo*, etc., 1507, onde se acha a carta de Pascalino, embaixador da republica de Veneza em Lisboa, datada de 29 de outubro de 1501 e dirigida ao seu governo, na qual refere as particularidades da viagem de Gaspar de Córte Real e da chegada dos esquimaos conduzidos por este a Lisboa, e que foram appresentados a el-rei D. Manuel, etc.

«O proprio facto da catastrophe de que foi victima o intrepido Córte Real em sua segunda viagem, assim como o irmão que ia procural-o, podia provar que ambos tinham penetrado no mar polar, visto que mr. Mac-Clure diz: «que é inutil enviar socorros a qualquer que fosse arrastado para o mar polar, porque nenhum navio que entre n'aquelle abysmo pode sair.» Acrescentarei que na carta inedita de João Freire de 1456, as explorações sobre as costas orientaes da America do norte chegam até o cabo que elle chama Cabo Branco, situado por 72 graus de latitude boreal, por consequencia nos altos parallellos da bahia de Baffin. Este facto prova que não foi Hudson quem descobriu em 1710 o estreito que communica este mar com o Atlantico, como pertendem os modernos que não conheceram as cartas antigas.

«No mesmo seculo, anno de 1588, o navegante hespanhol Lourenço Ferrer Maldonado atravessou do mar Atlantico ao mar Pacifico pelo nordeste. A relação de Maldonado acha-se n'um manuscrito hespanhol conservado na bibliotheca ambrosiana de Milão, e foi publicado por Amoretti em 1811 com as antigas cartas que se acham no original. O que todavia ha mais notavel sobre as viagens ao norte, é que no famoso mappa-mundi de Fra-Mauro de Veneza de 1459 acha-se, sobre o mar Glacial, uma legenda, que diz: «que no seu tempo um navio catalão tinha passado ao norte da Russia e da Siberia.

«Resumindo as minhas recordações sobre as viagens ás partes orientaes da America do norte, resulta que houve quatro expedições portuguezas a essas paragens nos primeiros annos do seculo 16.^o A exploração das costas, dos golphos, dos estreitos e dos mares até 72 graus de latitude boreal, achase confirmada pelas cartas antigas e pelos auctores da mesma epocha, como tambem pela nomenclatura hydrographica portugueza que se acha nas mesmas cartas. As ditas quatro expedições foram: primeira de Gaspar Córte Real em 1500; segunda a do mesmo em o seguinte anno; terceira a do irmão d'este em sua busca; quarta finalmente, outra enviada por el-rei D. Manuel em procura dos dous irmãos Córte Real. Os capitães d'esta levaram instrucções de explorar de novo todas as costas orientaes até ás latitudes mais elevadas.

«Os nomes impostos por Córte Real durante a sua primeira viagem em 1500 acham-se nas cartas desde 1508, isto é, sete annos depois de seus descobrimentos, até á carta de Ortelio em 1571, na qual se notam alguns. Finalmente, proponho-me a demonstrar tudo isto n'um extenso trabalho que me occupa ha tempos.»

Taes foram em resumo as indicações do meu illustre amigo sobre a recente relação do capitão Mac-Clure, as quaes me apresso a publicar como mui oportunas no momento presente, e interessantes para os homens estudiosos em geral, e particularmente para os que colligem dados para rectificar a tão equivocada e imperfeita historia dos descobrimentos maritimos em o Novo Mundo.

O CONDE SOBERANO DE CASTELLA.

FERNÃO GONÇALVES.

SEculo X.

IX.

A RESOLUÇÃO.

A DICTADURA moral do conde em toda a Hespanha christã era incontestavel. Mas d'essa mesma aureola popular, que cercava o seu nome, nascia todo o perigo que estava imminente ao seu poder. Amavam-no os povos? Temiam-no, e detestavam-no os reis. Os proprios califas tratavam de melhormente com estes, que viam no cimo das dignidades humanas. Estes eram os seus pares, os seus afins pela similhaça do cargo, os seus amigos por uma certa solidariedade de interesses de potencia a potencia. Os outros, mesmo aos olhos dos representantes do profeta eram vassallos, inferiores, intrusos, como quem diria *revoltosos*, nomes feios com que todas as autoeracias estabelecidas usam desconceituar toda a tentativa, que se encaminha a combatel-as, ou destruil-as, por legitima e justificada que seja. Os imperantes de Cordova esbofeteavam indirectamente as rebelliões brotadas com frequencia no seio do islam, com a mesma mão benevola que constantemente estenderam aos reis christãos, quando estes em apuros pelas revoltas dos senhores feudaes vinham humilhar-se aos inimigos da cruz.

D'esta vez se o rei de Leão sollicitava submisso a alliança, ou antes a protecção do miramolim, este, pelo que o leitor ficou deprehendendo do dialogo dos walis de Saragoça e Cordova durante o banquete, procurava entender-se com Ramiro. A victima votada por ambos era Fernão Gonçalves. N'este pacto de destruição forçosamente intervinha como cumplice o rei de Navarra. Tinha recusado a mão de sua filha ao chefe castelhano, e pretendera enlaçal-a com a do mortal inimigo d'este, o conde Vela. O Vela era morto, e agora Abdallah, filho do califa, aspirava ao thalamo d'aquella princeza, entre a qual e Fernão Gonçalves havia promessas e penhores de consorcio.

Ameaçado o seu poder por uma liga formidavel de inimigos, ferido nas suas afeições ou antes no seu capricho, porque a ternura do homem padecia somnolencias longas no politico, cujo sentimento sempre vigilante era a ambição, — duas circumstancias havia, se bem de differente alcance, que mortificavam especialmente o conde, e com maior intensidade do que o não opprimia a situação critica do seu estado. Uma era a perda do sinete, apesar de não receiar já d'ahi nenhuma outra praga rendida, pelas medidas de precaução tomadas para o evitar. A outra era a omissão da cerimonia militar do arauto, que os miramolins de Cordova costumavam, quando se proclamava o algazu, enviar aos principes christãos, para os intimar em nome do vigario do profeta a elles e ao seu povo, que renunciassem ao culto dos idolos e seguissem a lei de Allah, o deus verdadeiro e o unico, sob pena de abandonarem throno e patria aos filhos de Ismael. Mas a falta do arauto importava apenas uma descortezia irritante para o amor proprio de um chefe soberano, em quanto a perda do anel se reputava entre as gentes um como desaparecimento do palladion do condado. Era um apoio moral, quasi um apoio divino, que fugia aos

defensores de Castella. A mesma crença supersticiosa, com que os romanos olhavam a salvação do imperio dependente da conservação do escudo sagrado, preocupava os castelhanos a respeito do sinete da provincia.

Recolhendó o seu espirito na vespera de um acontecimento supremo, pesando a probabilidade de um movimento combinado das tropas leonezas e arabes contra Castella, attentando n'umas certas mostras de frieza ou de temor, que entraram a manifestar-se em alguns senhores forasteiros que seguiam o seu pendão, calculando os contras e apreciando pouco as vantagens de um plano de campanha estrictamente defensivo, Fernão Gonçalves cortou o nó cego das difficuldades que o cercavam com uma resolução arrojada. Saiu com a sua hoste de vinte mil de cavallo e dez mil de pé ao encontro do califa.

A poucas leguas de Lerma uma avançada da cavallaria castelhana encontrou a columna volante dos arabes, travando-se entre ambas escaramuças de pequena monta. Apareceu depois o proprio Fernão Gonçalves á frente de numerosos esquadrões, e de um corpo de bésteiros. A columna arabe debandou então completamente, fugindo a todo o galope. Conseguiu ganhar uma boa dianteira ao inimigo, mas rebentando-lhe de improviso de um bosque espesso uma turma de cavalleiros alaveses commandados por Inigo Lopes, foi detida por estes. Em poucos minutos chegou Fernão Gonçalves, e os arabes entalados entre forças muito superiores em numero, experimentaram um desbarato completo. O conde perseguiu os fugitivos distancia de duas leguas dos arrayaes do califa, e só ahi parou um instante, retrocedendo depois.

N'este intervallo os bésteiros castelhanos derramados pela planicie, e muito á retaguarda do corpo que acossava os inimigos, mettiam a sacco os arabes que encontravam jazendo no chão, mortos ou feridos, quando inesperadamente os surpreendeu uma pequena partida de cavalleiros mosselemanos. Era Abdelmelek, o filho do califa, que destacando-se do seu corpo e tendo entregado ao seu segundo o commando da columna fugitiva, tomára um grande desvio para que o não sentisse o corpo principal dos castelhanos, e voltára ao sitio do combate com os alavezes. O motivo que o obrigava a cometer este rasgo de temeridade, era o desaparecimento do seu secretario, ferido ou morto na refrega, e o receio de que caíssem em poder dos christãos papeis de grave importancia, que aquelle confidente do principe trazia consigo.

A gente de Abdelmelek começou a sua busca pelos corpos, que jaziam sobre o campo, sem opposição, porque os bésteiros no primeiro sobresalto fugiram. Mas vendo estes que a força inimiga não passava de uma centena de homens, cobraram animo, formaram um macisso e desfecharam um chuva de setas sobre os cavalleiros. Houve mesmo alguns mais ousados, que se adiantaram das fileiras. Um d'estes o Diogo bésteiro buscava todas as traças de ferir o principe. Vendo que se lhe embotavam todos os virotos na bem temperada armadura de Abdelmelek, tentou approximar-se d'elle. O principe dedignando-se de ensopar armas n'um peão, forneava a lança em ordem a afastal-o. Mas o importuno peão porfiou tanto, chegando-se cada vez mais, que o chefe arabe, já agastado, passou-lhe o braço esquerdo com a lança, e o Diogo arrebatando-a da mão ao dono, fugiu com ella. A lança era uma peça de muito valor, tauxiada de ouro e cravejada de pedras preciosas. Os arabes quizeram ir logo na cóla do fugitivo para a restituirem ao seu capitão. Este po-

rém com o primor caracteristico da sua raça, teve-lhes mão, dizendo: «Deixae esse desgraçado! que ao menos se escapar da ferida lhe fiquem meios para a curar.»

O bésteiro que não podia ouvir estas vozes tão favoraveis para elle, corria como a seta despedida do arco, até que por fim caíu sem accordo esvaído em sangue; e um cavalleiro castelhanao que ao acaso n'esse momento passou por elle, vendo a preciosidade da lança, tirou-lh'a e levou-a.

Entretanto Abdelmelek havendo achado o seu secretario entre os feridos, recolhia os papeis que buscava, quando uma nuvem de pó que se levantava do lado de Lerma, avisando-o da approximação da cavallaria castelhana, o obrigou a confiar-se á extrema velocidade do seu corcel.

A ordem d'esta narração força-nos a deixal-o, e a seguir por um pouco aquelle bésteiro ferido e roubado do esplendido despojo da sua campanha, cuja indole o tinha desprendido das paixões, das virtudes e do fanatismo da epocha, pondo-o superior ao seu tempo a torpeza do egoismo junta com o instincto da duvida, como a outros os elevou acima do seculo, em que viveram, a grandeza do genio e do coração.

O Diogo que ao recobrar os sentidos se achou já na caserna de Burgos com um frade á cabeceira, exhortando-o a que cuidasse da sua alma, a primeira cousa em que elle fallou foi na sua lança. Vendo que ninguem lhe dava noticia d'ella, fez mesmo exhausto de forças uma berraria tal, que ao cabo de alguns minutos todos os seus camaradas se convenceram de que a ferida não era de morte, e em poucas horas se descobriu quem tinha a lança.

O cavalleiro, que a roubára, não quiz porém restituil-a. Formaram-se então duas parcialidades, uma que esposou os interesses do bésteiro; a outra os do seu espoliador. Houve pleito por causa da lança. O pleito foi debatido na instancia inferior, depois appellado para o tribunal do conde, que o remetten para o vigario; e o vigario que era tão decidido n'uma refrega com o montante nas mãos, hesitava entre os dous litigantes, isto é, entre a cavallaria e infantaria, como o casco de um navio velho fluctua entre duas correntes oppostas. Entretanto a parcialidade contraria ao bésteiro espalhou a noticia da sua morte. Este boato divulgado em toda Burgos, serviu por um dia ou dous de pasto á conversação das mulheres do povo em todos os soalheiros.

— «Já lá vae o Diogo?» perguntava para outra uma das visinhas da Vejarrua.

— «Já. Já está onde nós havemos de estar tambem,» respondia a interrogada.

— «Louvado seja Deus!» rematava a interrogante.

— «Não digaes tal, visinha Margarida! não digaes tal!» interrompia a tia Josefa, que as escutava da sua porta, «o maldito morreu em peccado. como um barbo com a isca no bucho; que bem lh'o dizia a avó, quando elle, sendo rapaz, ia todas as manhãs furtar cereijas ao cerrado da comadre Eufrazia.»

(Continúa.)

ANTONIO DE OLIVEIRA MARRECA.

— Os governos justos são sempre os mais fortes; alguns tratam de ser fortes sem lhes importar ser justos.

M. CARVALHO — APHORISMOS